

Resenha

AS BASES DA GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA: PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS E POLÍTICAS NA OBRA “A EXCURSÃO GEOGRÁFICA: GUIA DO PROFESSOR”, DE DELGADO DE CARVALHO

Bianca da Silva Doza¹.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Geografia, Porto Alegre, Brasil.
Email. bdoza99@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-9743-7684>

Recebido em 21/08/2023 e aceito em 08/05/2024

Desde a institucionalização da Geografia no século XIX, a história dessa ciência revela projetos teórico-metodológicos e políticos. Tais aspectos foram evidenciados nessa resenha da obra “A excursão geográfica: guia do professor”, de Delgado de Carvalho.

Esse geógrafo brasileiro dedicou-se a estudar a recente república que era o Brasil no século XX. Durante seus noventa e oito anos de vida, produziu obras que foram a base para a Geografia Escolar e Política, enfatizando a realidade brasileira.

Em sua atuação profissional, dedicou-se principalmente como professor na educação básica, passando ainda por órgãos governamentais e universidades (GEOBRASIL – UERJ, acesso em 20 de junho de 2023). No Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi um dos fundadores do Conselho Nacional de Geografia, responsável pela publicação dessa obra.

Além das contribuições de Delgado de Carvalho, a obra contém notas do professor francês Pierre Monbeig. O autor secundário veio para o Brasil na década de 30 e, juntamente com outros professores como Pierre Deffontaines, formaram a cátedra de Geografia na Universidade de São Paulo.

A partir desses dois autores, a obra relaciona o trabalho de campo na Geografia com a Pedagogia Moderna. Nesse sentido, destaca-se o estímulo ao aprendizado a partir do contato com a realidade, proporcionando bases para a observação e os estudos regionais.

Esse conteúdo compõe a coleção de manuais pertencentes à Biblioteca Geográfica Brasileira, juntamente com livros e folhetos científicos. No prefácio escrito por Christovam de Castro, diretor do Conselho Nacional de Geografia, o livro apresenta os métodos modernos de Geografia e ensino.

Para apresentar essas ideias, o primeiro capítulo contém as considerações de Delgado de Carvalho acerca do critério para qualificar um fenômeno como “geográfico”. Para o autor, o diferencial é o fator posição.

Para isso, deve-se considerar a localização do fenômeno no quadro natural. A partir disso, propõe compreender sua posição individual e atribuir significação e ensinamentos, sendo esta última a principal função do educador.

Para aplicar esses preceitos, Delgado de Carvalho encontra uma ciência dividida por ele em tradicionalistas da mnemotécnica e a ala adiantada. O primeiro baseia-se na memorização de nomenclaturas, enquanto o segundo reduz-se a leis e princípios.

Nesse campo científico, o autor considera a Geografia como uma ciência social com valor na formação do indivíduo. Em sua constituição, contribui e se relaciona com as demais.

Assim, o autor pretende distanciar-se de propósitos metafísicos na educação de indivíduos. Além dessa perspectiva, distancia-se também do Determinismo geográfico, cuja produção tem gerado falsas analogias. Para o autor, em ciências sociais não existe princípio de causa e efeito.

Para analisar a realidade, Delgado de Carvalho propõe no capítulo dois a excursão e divide-as em cinco partes. Na construção de sua proposta, recorre às aulas de Didática de Luís Alves de Mattos.

Primeiramente, o autor orienta elencar os objetivos. Em seguida, há uma preparação psicológica para a apreensão do conteúdo. Organiza-se ainda a viabilidade material do campo para possibilitar o ensino da observação da paisagem. Por fim, elabora-se um relatório, incluindo ainda croquis e mapas.

Essa ação de observar é detalhada no capítulo três. A partir dela, é possível atribuir um sentido geográfico à posição e ao espaço, resultando numa visão fisiográfica e uma interpretação antropogeográfica. Para isso, o autor sugere iniciar pelo conjunto natural, sua topografia, relevo, hidrografia e a vida vegetal e animal.

No quarto capítulo, o autor orienta observar a Geografia Humana da região a partir do estudo das comunidades. Dentre seus elementos, destaca-se a moradia, distribuição e adaptação do povoamento, o trabalho e a circulação de pessoas, animais e mercadorias.

No geral, nesse livro Delgado de Carvalho utiliza as seguintes referências para elucidar diversos temas (quando 1):

Quadro 1. Citações de Delgado de Carvalho.

Autor	Tema
Richard Hartshorne	Classificação de um fenômeno como geográfico
Ferdinand Richthofen	O simplismo na Geografia e observação geográfica em viagens
Isaiah Bowman	O simplismo na Geografia Humana

Autor	Tema
Preston James	O fator posição como contribuição da Geografia nos Estudos Sociais
Everardo Backheuser	Traçado das diretrizes geopolíticas continente americano
Carl Ritter	A natureza não é um mecanismo morto
Luís de Matos	Pontos da excursão geográfica
Pierre Monbeig	Pontos estratégicos de observação e aspectos naturais da paisagem
Georg Neumayer	Observação geográfica em viagens
Sociedade Real de Geografia de Londres	Observação geográfica em viagens
Mabel Barker	Observação geográfica
Pierre Deffontaines	Observação geográfica e região
Magalhães Correia	Paisagem geográfica na arte literária

Fonte: DOZA (2023). Adaptado de Carvalho, 1945.

Como base no “quadro 1”, nota-se o contato do autor com fontes estrangeiras, principalmente alemãs e inglesas. Tal facilidade com diversos idiomas relaciona-se com sua história de vida.

Nascida em Paris, ainda na infância era fluente em francês, inglês e alemão. Possuía família na Inglaterra e circulava por vários países da Europa. Em seu percurso, o último idioma que aprendeu foi o português (CASTRO, 2008).

Já no Brasil e interessado pela Geografia, acessou as obras de Carl Ritter. Esse autor alemão do século XIX é considerado um dos responsáveis pela institucionalização da Geografia.

Além desse geógrafo, Delgado de Carvalho também leu as propostas metodológicas do norte-americano Richard Hartshorne. No século XX, Hartshorne divulgou o pensamento do alemão Alfred Hettner.

Com isso, consolidou o estudo da diferenciação e relação das áreas da superfície terrestre. Para Richard Hartshorne, as ciências eram distinguíveis por seus métodos e não por seus objetos (MORAES, 2005).

No Brasil, Delgado de Carvalho também incorporou a produção nacional. Dentre os teóricos, a obra analisada menciona Everardo Backheuser, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig.

O primeiro possui uma obra voltada para geopolítica brasileira, além de ter contribuído com a formação de professores e estruturação da educação básica na república.

Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig, por sua vez, são geógrafos franceses que vieram para o Brasil no século XX. Durante sua permanência no Brasil, ambos estiveram à frente da cátedra de Geografia da Universidade de São Paulo, o primeiro em 1934 e Monbeig no ano seguinte (USP, acesso em 21 de agosto de 2023).

Além da Geografia, Delgado de Carvalho recorre a outras áreas do conhecimento para embasar sua proposta metodológica. A primeira é o “Curso de didática” ministrada pelo professor Luís de Matos na Universidade do Brasil.

A partir dessa referência, Delgado de Carvalho estabelece a base da excursão geográfica. Além desse autor, Delgado de Carvalho também menciona uma dimensão geográfica na arte literária de Magalhães Correia.

Ao final do livro, nas contribuições de Pierre Monbeig encontram-se notas sobre a monografia de fazenda e de cidade. Trata-se de um material para ensinar a fazer pesquisa e destina-se aos estudantes dos cursos de Geografia e História da Universidade de São Paulo.

A primeira e a segunda partes da monografia são direcionadas aos alunos do 1º e 2º ano, enquanto a terceira parte direciona-se aos estudantes do 2º e 3º. No primeiro grupo, aproveita-se a experiência da maioria dos estudantes, cuja infância se deu, pelo menos em parte, nas fazendas, principalmente de café.

No primeiro capítulo sobre a monografia de fazenda, o autor apresenta a viabilidade do trabalho por meio dos laços familiares ou de amizade com fazendeiros. No capítulo seguinte, enfatiza que a monografia busca registrar seu nascimento e desenvolvimento juntamente com o quadro regional, físico e humano.

Para isso, na segunda parte Pierre Monbeig elabora um questionário. Dentre os temas das questões, destacam-se os elementos físicos (capítulo um), agricultura atual (capítulo 2) e passada (capítulo 3), o homem e seu habitat (capítulo 4) e a relação com o exterior da fazenda (capítulo 5). Com isso, pretende localizar, descrever e explicar a evolução da fazenda.

Na terceira e última parte, referente a monografia de cidade, Pierre Monbeig possui uma abordagem menos escolar. Dentre as questões acerca da cidade, busca-se identificar sua localização (capítulo 1), origem (capítulo 2), crescimento (capítulo 3), habitantes (capítulo 4), função (capítulo 5) e sua relação com os bairros (capítulo 6) e a região (capítulo 7).

Diante da exposição desse livro, pode-se observar a construção da Geografia brasileira. Nesse contexto, a excursão e a monografia buscam conhecer o país.

Com isso, nota-se a tentativa de atribuir uma consciência nacional para o país e para a produção do conhecimento.

Dessa forma, é uma ilusão olhar para o campo científico com neutralidade, haja visto que este se liga a um projeto político. Nesse contexto, tais autores ganharam notoriedade e influenciaram o campo científico por conter um capital simbólico alinhado à percepção dos agentes que validam a produção científica (BOURDIEU, 2008).

Essa produção da ciência geográfica no Brasil antecede as expedições francesas do século XX e a criação dos cursos superiores. Antes desse fato, há uma produção geográfica nos colégios e institutos, como o Colégio Dom Pedro II e o IBGE (VLACH, 2004).

O reconhecimento dessa produção pode ser dificultado pelo processo de institucionalização da Geografia. Ao analisar as notas de Pierre Monbeig, não se encontra menção a nenhum autor.

Por um lado, é um livro com uma proposta prática e reduzida. Com isso, é difícil os autores elaborarem um estado da arte da Geografia até aquele momento.

Contudo, o reduzido e vasto universo desse livreto pode levantar questões acerca do projeto francês para a ciência geográfica no Brasil. Em sua criação, houve um revisionismo histórico da Geografia brasileira?

Para além da sistematização científica da Geografia, a obra direciona-se também à educação básica. Diante dessa demanda, procurava-se implementar um projeto republicano em detrimento da Educação Tradicional.

Antes da República, a educação que se fazia era uma continuação precária da proposta dos jesuítas. Após a expulsão dos grupos religiosos e destruição das suas produções intelectuais, não foi elaborado um projeto alternativo (NISKIER, 1989).

A partir do século XX, a iminência de construir uma “democracia culta” encontra-se com os estudos sobre currículo realizados nos Estados Unidos. Com isso, cria-se o movimento Escola Nova, propondo educação pública, gratuita e laica.

Perante essas reivindicações, esse livro busca aproximar a escola da vida real. Contudo, a essa reflexão foi destinado um espaço reduzido no IBGE se comparado às publicações científicas das coleções anteriores.

Nos manuais educacionais, a proposta foi um livro de bolso, visando a praticidade. Contudo, corre-se o risco de cair na simplificação de um conhecimento ainda por fazer-se, exigindo uma teoria mais densa.

Na produção do conhecimento, preza-se pelo pragmatismo não só na organização de conteúdo, mas também como corrente filosófica. Tal escolha não se deu por acaso, haja vista o contexto de industrialização forçosamente nacional entre as décadas de 30 e 50.

Na ciência geográfica, a corrente pragmática surge como alternativa à Geografia Tradicional. A partir do neopositivismo, valorizava-se a observação e a prospecção do futuro. Já no campo educacional, o pragmatismo fundado pelo norte-americano John Dewey inicia os estudos de currículo e o fundamenta na experiência da criança (LOPES, 2011).

A partir dessa reflexão, é possível identificar na produção científica as propostas de uma Geografia envolvida com a construção de um projeto republicano. Ao superar o nacionalismo ingênuo, pode-se adotar uma perspectiva crítica a partir do revisionismo histórico dos intelectuais brasileiros.

Dessa forma, evita-se o que Delgado de Carvalho denomina de olhar de boi. Para o autor, o olhar geográfico não pode ter a resignação de um ruminante que, diante da passagem de um trem, observa brevemente e volta sua atenção ao pasto.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.
- CARVALHO, Delgado de. **A excursão geográfica: guia do professor**. Rio de Janeiro: IBGE, 1945. 84 p.
- CASTRO, Therezinha de. Carlos Delgado de Carvalho. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Geografia e Geopolítica: a contribuição de Delgado de Carvalho e Therezinha de Castro**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. p. 21-38.
- GEOBRASIL - UERJ. Carlos Miguel Delgado de Carvalho. **Dicionário dos Geógrafos Brasileiros**. Disponível em: <https://abrir.link/bMRN5>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Currículo. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 19-42.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2005.
- NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000**. São Paulo: Melhoramentos, 1989.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Departamento de Geografia**. Disponível em: <https://abrir.link/M6Nxe>. Acesso em: 21 de ago. de 2023.
- VLACH, Vânia Rubia Farias. O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José William Vesentini (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 187-218.



Revista Geonorte, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Brasil. Obra licenciada sob Creative Commons Atribuição 3.0